

KUPFER, D. A Indústria Segundo a PIA/IBGE 2011. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 12/08/2013. Disponível em: <https://valor.globo.com/opinia0/coluna/a-industria-segundo-a-pia-ibge-2011.ghtml>.

A Indústria Segundo a PIA/IBGE 2011

12/08/2013

Como sempre ocorre na virada do primeiro semestre, O IBGE trouxe a público os resultados da PIA- Pesquisa Industrial Anual - de 2011. Nunca é demais insistir que a PIA é a série estatística mais apropriada para embasar as análises estruturais sobre a indústria. No entanto, a sua interpretação requer um extenso trabalho de tratamento do enorme volume de informações contido na pesquisa. A principal dificuldade, como sempre, é a disponibilidade de bons deflatores setoriais que propiciem a necessária confiabilidade aos cálculos das taxas de crescimento em relação a anos anteriores de variáveis monetárias como o valor da produção, os salários pagos ou a produtividade. Na ausência desses deflatores não há ainda como encadear os números da PIA 2011 com as anteriores com vistas a estabelecer comparações intertemporais dos seus resultados. Com isso, as primeiras análises vêm-se forçadas a se restringir ao exame tão somente dos indicadores de composição ou de participação. Os dados que se seguem são referentes a PIA atividade, para empresas industriais com 5 ou mais empregados e referem-se, quando não assinalado, à indústria geral (extrativa e de transformação).

A despeito da desaceleração experimentada pela economia brasileira em 2011, a indústria manteve um excelente desempenho em termos da geração de empregos. O ano fechou com 8,14 milhões de pessoas ocupadas na indústria, contingente 11% superior ao do final de 2010. Em relação a 2007, foram absorvidos mais de 1,15 milhão de novos trabalhadores industriais, números que confirmam o verdadeiro enigma que vem caracterizando a evolução do mercado de trabalho brasileiro. Em termos da composição setorial, esses trabalhadores se concentram nas indústrias tradicionais, como alimentos, têxtil e vestuário, que em 2011 responderam por 62% dos postos de trabalho. Além desses, cerca de 20% trabalham nas indústrias de maior conteúdo tecnológico enquanto os demais 18% são contratados pelas indústrias extrativa e de produção de commodities. É interessante registrar que esses números são praticamente os mesmos de 2007, indicando que a rigidez estrutural que acompanha a indústria brasileira há longo tempo não sofreu qualquer modificação em 2011.

A situação da distribuição espacial da atividade industrial é distinta. Em 2011 manteve-se a tendência de suave desconcentração regional, que vem se manifestando desde a década de 1990. Na ótica do emprego, as regiões Centro-Oeste e Nordeste absorveram nesse ano 5,4% e 13,3% dos empregos industriais (ante 5,2% e 13,2% em 2010 e 4,8% e 12,7% em 2007. Já a região Sudeste reteve 52,8% do trabalho na indústria (ante 53,2% em 2010 e 53,7% em 2007). Em termos de valor adicionado, a tendência de desconcentração industrial persiste, mas o mapa é um pouco diferente: as regiões que avançam são Centro-Oeste e Norte, refletindo as produtividades mais elevadas do agronegócio e da eletro-eletrônica, respectivamente, seus

setores de especialização.

Uma outra tendência de longa data que foi igualmente ratificada pelos dados da última PIA é a da perda de peso na estrutura industrial brasileira do segmento de médias empresas (faixa de empresas com 100 a 500 empregados). Em relação a 2007, as empresas dessa faixa geraram 234 mil novos postos de trabalho, bem menos que os 481 mil ou os 442 mil gerados pelas demais faixas de tamanho. Em 2011, o pessoal ocupado em empresas médias foi de apenas 26% do total. O cálculo do valor adicionado por trabalhador mostra que a faixa de empresas de tamanho médio voltou a apresentar em 2011 uma produtividade aparente inferior à da média da indústria, fato que havia ocorrido pela primeira vez em 2010. Dada a importância desse conjunto de empresas para o desenvolvimento industrial, os fatores condicionantes do seu pior desempenho necessitam ser mais bem compreendidos.

Indícios sobre a evolução da produtividade surgem da comparação do desempenho dos diversos setores com os valores médios da indústria. Verifica-se um aumento da dispersão dos indicadores, com um crescimento extremamente pronunciado da produtividade da indústria extrativa (especialmente petróleo e gás) e redução das demais. A produtividade dos segmentos de commodities, que era exatamente o dobro da média da indústria em 2007 caiu para 1,6 vezes, provavelmente refletindo a acumulação de capacidade ociosa e também a queda dos preços internacionais desses bens. Já o valor adicionado por pessoa ocupada nos setores de maior conteúdo tecnológico está convergindo para a média da indústria, em um movimento no mínimo surpreendente, pois espera-se que essas indústrias constituam o carro-chefe da expansão da produtividade. O aumento da importação de insumos, peças e componentes pode estar na raiz desse resultado.

Por fim, as análises das estruturas de custos sugerem que em 2011 o quadro foi de estabilidade. De um lado, a trajetória de encarecimento do trabalho estacionou. Após atingir um pico de 23,6% em 2009, o peso dos salários pagos no valor da transformação industrial recuou para 22,5%, repetindo praticamente o índice de 2010. O mesmo comportamento, mas com o sinal invertido, ocorreu com a participação do custo das operações industriais no valor da produção. O indicador, que vinha recuando desde 2007, estabilizou-se na casa de 54% em 2011. A estabilidade das estruturas de custos revelou-se bastante geral, tendo ocorrido em quase todos os setores e regiões.

David Kupfer é professor licenciado e membro do Grupo de Indústria e Competitividade do Instituto de Economia da UFRJ (GIC-IE/UFRJ) e assessor da presidência do BNDES. Escreve mensalmente às segundas-feiras. E-mail: gic@ie.ufrj.br. As opiniões aqui expressas são do autor e não necessariamente refletem posições do BNDES.